

## A ORDEM E A DESORDEM NO SERTÃO

Maria Regina Sader\*  
Ana Maria Paulino\*\*

"O Sertão não tem janelas nem portas..."<sup>1</sup>

"Vim por ordem e por desordem. Este cá é meus exércitos"<sup>2</sup>, fala José Rebelo Adro Antunes, auto-denominado Zé Bebelo, em homenagem a Joãozinho Bem-Bem - personagem/chefe jagunço - morto em duelo com Augusto Matraga<sup>3</sup>. Zé Bebelo, em momento especial das lutas no Sertão mineiro, agrega ao seu, os nomes de dois outros "coronéis" mortos - Medeiro Vaz e Joca Ramiro - ficando assim, Zé Bebelo Vaz Ramiro.

Tomamos o personagem Zé Bebelo - e as lutas que trava com seus antagonistas - como centro de nosso interesse ligado à área da pesquisa literária, por conta dos vários pontos de contato entre ele, Bebelo, e outro "coronel" sertanejo: Leão Leda. Este, figura real dos sertões da Pré-Amazônia maranhense. Leão Leda e o espaço onde viveu igualmente se prestam ao estudo e à pesquisa na área da Geografia.

Assim, aproximar a verdade tangível de Leão Leda do elaborado ficcional de Zé Bebelo é mesclar imaginação à realidade.

Começando por Riobaldo, personagem-narrador de *Grande sertão: veredas*, incumbido de trazer o seu passado, e o de tantos outros que com ele estiveram, para o momento corrente, também Riobaldo entende que um emaranhamento - real-irreal - sempre existirá. Fator imprescindível das situações presenciadas por ele, ao passar para o interlocutor as emoções que acompanharam o acaso que o levou a conhecer o Menino, às margens do de-Janeiro, lembrará: "Aquele encontro

\* Professora do Depto. de Geografia - FFLCH/USP.

\*\* Doutoranda em Literatura Brasileira - FFLCH/USP.

1. Todos os sub-títulos foram retirados de ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 6. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1968.

2. ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Ed. cit., p. 71.

3. *Idem*. A Hora e vez de Augusto Matraga. In: *Sagarana*. 26. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio. 1982.

nosso se deu sem o razoável comum, sobre-falseado, como do que só em jornal e livro é que se lê”<sup>4</sup>.

Mais tarde, constatando sem nenhuma relutância que a existência é vizinha da ficção - “Em desde aquele tempo, eu já achava que a vida da gente vai em erros, como um relato sem pés nem cabeça...”<sup>5</sup> - se utilizará da arte de narrar para rever o tempo vivido.

Retornando a Zé Bebelo e Leão Leda, a leitura resultante dessa simbiose, apontará aspectos significativos.

Para o pesquisador que recolhe, fragmentariamente, dados da realidade e, trabalhando com e através deles, vai dando forma ao objeto de seu estudo, permanecerá sempre a oportunidade do acréscimo ou da mudança de rumo, possibilitada pela descoberta de informações novas, desconhecidas. Já o estudioso da literatura, analisando personagens de contorno pré-definido (porém, personagens não mais simples em relação à interioridade das pessoas) e que, na lógica interna do texto, se movem numa “realidade” delimitada e exposta de uma única vez, ingressará num universo que, por mais complexo, intrincado e caótico que se apresente, lhe possibilitará, entre outras coisas, uma compreensão precisa da totalidade relatada. Possibilitará ainda - se usar de perspicácia -, a descoberta dos detalhes mais recônditos, secretos ou obscuros, mesmo de personagens fechados, contraditórios, como também da realidade mais esgarçada ou fugidia. Daí a possibilidade de coerência e acerto, da análise e da interpretação, permitidas à literatura, visto que ela dispõe de espaço, tempo e personagens definitivamente estabelecidos, e elaborados pelo autor, enquanto que a pesquisa da realidade manipula dados que retratam a imprevisibilidade da vida. Portanto, um encontro entre ficção e realidade resultará sempre lucrativo. Para o pesquisador de literatura, acenará com a possibilidade de obter dados concretos nos quais poderá apoiar, complementar e até mesmo ousar uma projeção das conclusões obtidas. E, àquele que pesquisa dados da realidade - neste caso, o estudioso da Geografia - permitirá sempre um reforço do campo pesquisado.

Desta forma, é com Riobaldo que vamos conhecendo personagens e situações muito próximos da realidade. Agraciado pelo autor, que lhe conferiu uma memória considerável, faz uso dela para, desapressado, transmitir ao ouvinte-leitor relato envolvente do qual não se ousa perder detalhe. Com o recurso da lembrança, a técnica dessa narrativa inclui idas e retornos. Círculos incompletos que só se fecharão após retomadas espaçadas, levando o leitor a refazer, passo a passo, a caminhada sinuosa desse jagunço aposentado, para quem a vida é memória e tem “enredo”.

“O senhor pense, o senhor ache. O senhor ponha enredo. Vai assim, vem outro café, se pita um bom cigarro. Do jeito é que retorço meus dias: repensando. Assentado nesta boa cadeira grandalhona de espreguiçar, que é das de Carinhonha”<sup>6</sup>.

4. *Idem*. Grande sertão: veredas. Ed. cit., p. 108.

5. *Idem*, *ibidem*. p.187.

6. *Idem*, *ibidem*. p. 234.

Como já foi enfatizado por vários pesquisadores, Guimarães Rosa tinha conhecimento preciso das histórias que nos conta e, de forma sutil, ao apresentar em sua obra esses guerreiros, destaca três categorias. O chefe-jagunço, o jagunço e o "coronel" que, indiferentemente, poderia ser também major. Ambas, patentes da velha guarda nacional. Em alguns casos, o "coronel" nem patente tinha. Era assim chamado por ser o dono da terra e, por isso, desfrutar da condição de mando.

Aparecendo tanto em "A Hora e Vez de Augusto Matraga", como em *Grande sertão*, esse "coronel" tem nome e sobrenome: Joca Ramiro, Medeiro Vaz, João Goanhá, Titão Passos, Nicolau Cardoso. É o que igualmente acontece na realidade pesquisada: Leão Leda, José Dias, Cel. Leitão e Araújo Costa são figuras dos sertões do Maranhão e Tocantins. Na literatura, destacam-se como exceções interessantes de serem lembradas: Hermógenes (Saranhó Rodrigues Felipes), e Ricardão - rico dono de fazendas - cuja pretensão "era ser rico em paz: para isso guerreava"<sup>7</sup>.

Já o chefe-jagunço é o chefe de bando que guerreia a soldo e, como Joãozinho Bem-Bem, em geral tem apelido.

Bem-Bem, homem valente, quando perguntado se era mineiro, responde a Matraga: "Isso, sim que sou... Sou da beira do rio... Sei lá de onde é que sou?"<sup>8</sup> Com tal resposta, ele implicitamente afirma ser de todos os lugares e, ao mesmo tempo, de nenhum. O que conta, para esse chefe-jagunço, não é sua origem, mas a área que domina. Com seus dentes limados em acume, chama a atenção do leitor para um traço de coragem crua, de desafio à dor física. No limiar da barbárie, esse mesmo procedimento vem descrito, com detalhes, em *Grande sertão*.

Riobaldo será outro chefe-jagunço. Apelidado Tatarana, por seu tiro certo, quando galgado à chefia receberá o nome de Urutu-Branco.

Retomando o real, Pedro Maquinista, aliás, Pedro Sarmiento Paiva, tendo sido chefe de bando em Goiás e Maranhão, desempenhou papel ativo nas lutas de Boa Vista (cidade pertencente, àquela época, ao estado de Goiás, atual Tocantinópolis, hoje no estado do Tocantins). Fazendo parte do grupo do Pe. João de Souza Lima será, em 1913, morto a traição, a mando do mesmo padre.

E, finalmente, na terceira categoria incluem-se os jagunços. Residindo nas grandes fazendas, em tempos normais de tranqüilidade, eles são trabalhadores rurais, meeiros. Ao contrário, em momentos de luta, pegam em armas ao lado do patrão - o dono da terra - ou mesmo ao lado dos camponeses independentes. Em *Grande sertão*, os catrumanos pertencem a esta última categoria.

Nesta mesma obra, Guimarães Rosa exemplificando aqueles que já nascem com o destino traçado para ser jagunço, mostrará Jõe Bexiguento: "Nasci aqui. Meu pai me deu minha sina. Vivo, jagunceio"<sup>9</sup>. Ou Riobaldo: "E, mesmo quem de si de ser jagunço se entrete, já é por alguma competência entrante do demônio. Será

7. *Idem, ibidem*. p. 16.

8. *Idem. Sagarana*. Ed. cit., p. 349.

9. *Idem. Grande sertão: veredas*. Ed. cit., p. 169.

não? Será?"<sup>10</sup> E acrescenta: "Jagunço é homem já meio desistido por si..."<sup>11</sup> Rosa mostrará também que, num quadro geral, ser jagunço é escolha. Dessa forma, quando os urucuianos trazidos por Zé Bebelo avisam ao novo chefe Riobaldo/Urutu-Branco que vão partir, este pondera: "Ah, eles bem conheciam a regra: que um jagunço sai do bando quando quer - só tem que definir a ida e devolver o que ao chefe ou ao patrão pertence"<sup>12</sup>. Pondera, ainda: "Ninguém nunca foi jagunço obrigado. Sertanejos, mire e veja: o sertão é uma espera enorme"<sup>13</sup>.

Se alguns jagunços aparecem em Guimarães Rosa com nome e sobrenome - João Nonato, João Concliz - outras vezes com apelido, antecedido pelo nome ou pelo sobrenome - Freitas Macho, João Vaqueiro - como regra geral, apresentam apenas o nome, ou somente o apelido: Fafafa, Quipes, Acauã, Ciril, Alaripe. Semelhantemente, os dois jagunços mais famosos de Leão Leda ficaram conhecidos apenas como Cascavel e Aroeira.

Luís Palacin, referindo-se às lutas de 1892, que opunham o Cel. Perna - chefe político de Boa Vista - ao Cel. Gomes Leitão, apoiado pelo governador do estado - Leopoldo Bulhões - mostra também alguns tipos de jagunço, ao contar como era feito o recrutamento de combatentes. Os chefes locais e seus emissários percorriam as fazendas exigindo apoio econômico e homens para a luta. "Havia lugar para todos: quem não soubesse manejar carabina era necessário nos serviços logísticos de procurar bestas e gado", escreve Palacin<sup>14</sup>. Mas, esse recrutamento nem sempre era tão pacífico. Há depoimentos da época, como o de um frei dominicano, descrevendo o constrangimento ao qual as famílias eram submetidas, por parte dos grupos armados, quando estes levavam todos os braços válidos para a luta. Logicamente, havia os sitiados cansados de guerra que, aderindo espontaneamente aos grupos comandados por chefes locais, combatiam na esperança de paz. E, finalmente, o autor apresenta os bandos de aventureiros que vagavam pelos sertões. Tais bandos eram compostos por soldados desertores, bandidos ou desocupados, que guerreavam a soldo de um chefe qualquer. São estes, juntamente com os chefes-jagunços, os rebeldes primitivos de que nos fala Hobsbawn<sup>15</sup>.

O que explica tal instabilidade nos sertões do Brasil, no período que abrange o fim do império até o início dos anos 20, é a organização da estrutura de poder. Guimarães Rosa nos dará uma lista dos chefes de bando e dos coronéis que efetivamente existiram nos sertões do médio São Francisco: Neco e Antônio Dó, no final do império e início da República; João Duque, Franklin de Albuquerque e Horácio de Matos, nas primeiras décadas do século XX. Para citar apenas alguns dos muitos nomes que percorrem sua obra, dando uma visão clara da instabilidade acima referida.

10. *Idem, ibidem*. p. 11.

11. *Idem, ibidem*. p. 42.

12. *Idem, ibidem*. p. 376.

13. *Idem, ibidem*. p. 436.

14. PALACIN, Luis G. *Coronelismo no extremo norte de Goiás*. São Paulo, Loyola, 1990. p. 69.

15. HOBBSAWN, Eric. *Rebeldes primitivos*. Rio de Janeiro, Zahar, 1970.

Vitor Nunes Leal<sup>16</sup> mostra como o poder centralizado do Império assentava sua força política na dos presidentes de província, estes, pessoas de confiança do governo nomeadas para o cargo. Com a República, o que muda é a eleição dos governadores, que substituem os antigos presidentes de província. A partir daí, o poder central tinha uma alternativa. Declarar guerra ao estadual, se não fosse eleito alguém de sua confiança, ou compor com o eleito um sistema de compromissos que consolidasse a força de ambos. Num país fortemente agrário, como era o Brasil naquele período, os chefes dos partidos tinham que estabelecer um acordo com os donos de terra, pois, na verdade, eram eles os chefes políticos locais. São esses acordos que conduzem a organização denominada coronelismo.

Assim, a harmonia entre governador do estado e poderes locais, passava pela organização do partido, que não era senão um pragmatismo para alcançar e manter o poder. Por isso, os coronéis acompanhavam o partido que estivesse no mando. Dessa forma, conservavam o apoio do governo para todas as benesses de que necessitavam. Com a instalação da República, porém, cresce a maré de agitação na passagem do regime unitário para o federalismo, fato que afetará as relações entre o poder central e os estados.

### “Sertão é onde manda quem é forte”

É nesse quadro que se inserem as duas personagens: Zé Bebelo na ficção e Leão Leda na realidade.

Zé Bebelo é o único a exhibir um objetivo político: tornar-se deputado. Para tanto, fala em liquidar os jagunços, pois - “O único homem-jagunço que podia acatar já está falecido... Agora temos de render serviço à pátria - tudo é nacional”<sup>17</sup>. Entende ele que, somente depois de limpo da jagunçada todo o norte de Minas, poderá ser deputado. Só “então reluzia perfeito o Norte, botando pontes, baseando fábricas, remediando a saúde de todos, preenchendo a pobreza, estreando mil escolas”<sup>18</sup>.

A ninguém causará espécie se, num primeiro momento, sendo pago “por dinheiro do cofre do Governo”<sup>19</sup>, Bebelo guerrear contra Joca Ramiro e seus aliados. E, num segundo momento, vindo para vingar a morte do mesmo Joca Ramiro, lutar a seu favor.

Quando do cerco da Fazenda dos Tucanos, escrevendo às autoridades e, levantando em Riobaldo suspeita de traição, assim terminará a missiva: “Ordem e Progresso, viva a Paz e a Constituição da lei! Assinado: José Rebelo Adro Antunes, cidadão e candidato”<sup>20</sup>. Sua postura, mais dialética que ambígua, é marcada pela

16. LEAL, Vitor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto*. Rio de Janeiro, Forense, 1978.

17. ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Ed. cit. p. 102.

18. *Idem, ibidem*. p. 102.

19. *Idem, ibidem*. p. 103.

20. *Idem, ibidem*. p. 250.

aparente contradição entre ordem e desordem com a qual pontua as palavras pronunciadas ao retornar à luta. Da mesma forma que em Zé Bebelo, ordem e desordem também dominam a atuação do estado quando este intervém contra setores do poder local. Ordem e desordem, de maneira idêntica, acompanham os chefes do sertão que, ora perfilam com o poder central, ora contra ele, quando há ameaça de romper o equilíbrio de forças - e , portanto, da ordem - que lhes são favoráveis.

Também outros personagens exibirão compromissos políticos. Medeiro Vaz, “o rei dos gerais”, “reuniu chusma de gente corajada, rapaziagem dos campos, e saiu por esse rumo em roda, para impor a justiça”. Igualmente, Joca Ramiro “saía por justiça e alta política, mas só em favor de amigos perseguidos”<sup>21</sup>. Ainda que fosse ele, Joca Ramiro, “dono de glórias [...] aquela turma de cabras, tivesse sorte, podia impor caráter ao Governo”<sup>22</sup>.

Já o projeto político de Leão Leda era ambicioso, pois “o destino me pôs a frente da defesa da causa do sertão e, por ela tenho de vencer ou morrer!”<sup>23</sup>

E qual era a causa do sertão? Segundo Abranches, em carta-relatório enviada por Leda ao presidente da província do Maranhão, Dr. Moreira Alves, em 1888, o sertanejo maranhense “guardava no coração sempre vivido e pronto a explodir, o ódio contra o poder central. Vivia a sonhar com um federalismo *sui-generis*. Aspirava para o seu sertão uma vida à parte, uma independência própria”<sup>24</sup>. Prossequindo conta Abranches que, em Grajaú, ele conhecera o Coronel Carlos Gomes Leitão, chefe político de Boa Vista. Voltando do Rio de Janeiro, onde fora pleitear sua causa - uma nova divisão administrativa do país - Gomes Leitão afirmava que Boa Vista não poderia continuar a pertencer a Goiás. Melhor seria anexá-la, mesmo que provisoriamente, ao Maranhão. Acrescentava, ainda, que toda a área situada nos vales do Araguaia e do Tocantins era diferente das províncias às quais pertencia, portanto deveria constituir nova divisão autônoma do Brasil. Abranches conclui, dizendo ainda que, “se as coisas não mudarem e continuarem estes rincões abandonados, oprimidos e massacrados pelos governos, acabarão no futuro por formar um Estado independente, talvez uma vasta República”<sup>25</sup>.

Esse era o grande projeto político, e o sonho de autonomia não era novo para a elite à qual Leda pertencia. Já em 1835, liderada por Militão Bandeira de Barros, um dos líderes de Grajaú, houve a declaração da República de Pastos Bons, igualmente conhecida como República da Chapada, de vida breve.

Há aqui dois aspectos que precisam ser ressaltados. Primeiro, é a cobiça de uma área rica em borracha e castanha situada além Araguaia e a necessidade de controle, não só desta, mas também daquela que compreende o vale médio do Tocantins e o divisor de águas entre este e o Araguaia, passagem dos grupos que

21. *Idem, ibidem*. p. 37.

22. *Idem, ibidem*. p. 94.

23. ABRANCHES, Danshee. *A esfinge do Grajaú*. (Escrito em 1940). São Luís, Lithogrú Ed/ Alumar, 1993. p. 105.

24. *Idem, ibidem*. p. 154.

25. *Idem, ibidem*. p. 157.

partiam com o sonho de enriquecimento. E, segundo, a derrota infligida a antiga elite de Grajaú - da qual faziam parte os liberais representados por Leda e os Gomes Leitão - pelos conservadores liderados por Araujo Costa<sup>26</sup>.

Por isso, primeiro parte Gomes Leitão, para disputar o poder em Boa Vista, apoiado pelo governador da Província de Goiás, Leopoldo Bulhões. Leitão, citado pelas fontes como homem culto e traquejado em lutas, não contava com a oposição que lhe faz a Igreja, no seu enfrentamento com o Cel. Carlos Perna, seu opositor político. Mas seu inimigo mais notável foi José Dias, auto-denominado "general do sertão", do grupo do Cel. Perna. Moço ainda, com 35 anos, conseguiu reunir mais de 300 homens no início da luta. Dizia-se que tinha feito um pacto com o diabo, "pois galopava sereno e impávido entre as balas [...] e nem um arranhão, nem um chamusco de pólvora" apresentava depois das batalhas. (Como não pensar em Riobaldo, ou lembrar de Hermógenes, o pactário?).

Durante três anos, de 1892 a 1895, até a derrota de Gomes Leitão, os sertões do médio Tocantins foram palco de luta sangrenta. Nos povoados e fazendas, as atrocidades cometidas pelos grupos envolvidos produziram matanças de gado, saques e incêndios, violação de mulheres, crucificação de homens.

Em 1900, Leão Leda chega a Boa Vista. Quinze anos antes, com a subida ao poder dos conservadores, as fazendas de Leda haviam sido queimadas e o gado dizimado. Os grupos de Araújo Costa, responsáveis por tais atrocidades, recebiam apoio do governo da província do Maranhão nas lutas que ficaram conhecidas como a "guerra dos Leda". Arruinado, Leão Leda obtém dinheiro para se reerguer, casando a filha com o major Rosa Lima, recém-chegado da Bahia, onde enriquecera nas lavras de diamantes. Segundo contam seus descendentes, embora já perto dos setenta anos, une-se à filha de Leda, quase uma menina. Aliás, estes mesmos descendentes afirmam, como o historiador Abranches, que fora ela quem teria se sacrificado, espontaneamente, para reconstruir o cabedal da família e, portanto, o prestígio do pai.

Assim, acompanhado de seus homens e da família, trazendo cavalos e armas, Leão Leda chega a Boa Vista. Vêm com ele os irmãos Moreira e os familiares destes. Para Boa Vista, regressara também, três anos antes, João de Souza Lima, filho da terra, ordenado padre, e com ambições de mando.

"Deus mesmo, quando vier, que venha armado..."

Carlota de Carvalho em *O Sertão*<sup>27</sup> mostra o papel importante da Igreja nas lutas sangrentas de Boa Vista. Em dois pequenos parágrafos, fala da atuação dos

26. Embora os dados sobre Costa ainda sejam escassos, os descendentes de Leda, numerosos em Grajaú, afirmaram à pesquisadora de Geografia, durante trabalho de campo em 1993, que ele era originário da Bahia, tendo sido coronel do sertão até a queda da borracha.

27. CARVALHO, Carlota. *O Sertão*. Rio de Janeiro, Empresa Ed. de Obras Científicas e Literárias, 1924.

dominicanos. Em 1892 frei Gil Villa-Nova, pertencente àquela ordem, leva o povo a se rebelar contra o poder constituído. Caem, após três anos de enfrentamento, Carlos Leitão e o juiz de Direito Hermeto Martins. Anos mais tarde, é frei Domingos Carrerot, igualmente dominicano, quem prega contra o juiz Cantídio Bretas que é deposto, levando Leão Leda ao banimento. Os dominicanos têm interesse em preservar seu poder na área, afinal, o município de Boa Vista concentra em suas terras importante número de Apinajé, e as missões de controle - ou de catequese - dos índios estão a cargo dessa ordem. É bom lembrar mais uma vez a importância estratégica da área, em relação àquelas de ocorrência de castanhais e seringais do Pará, acrescentando-se a isso, a presença dos mesmos dominicanos no vale do Araguaia, na região de Conceição, onde vão desempenhar papel significativo no aniquilamento final de Leão Leda.

A chegada de Pe. João é, indiscutivelmente, um presente do céu para os interesses da Igreja. Se, por um lado, ele era um pobretão, sem terras, dinheiro, ou família influente, carecendo dos atributos necessários a um chefe político sertanejo, por outro, era sem dúvida carismático e com forte poder sobre a população ignorante e religiosa.

Mais uma vez, é Carlota de Carvalho quem nos traça um quadro bastante crítico do papel desempenhado por elementos do clero. Segundo ela, Frei Francisco do Monte de São Vitor que, em 1840, chegou a Boa Vista para as missões de catequese e “exerceu uma influência ilimitada na população católica [...] para acender um fanatismo intransigente, intolerante e feroz”. Seu primeiro ato teria sido o fechamento das escolas e a proibição dos livros, por serem estes, veículos de heresia. Substituiu, dessa forma, a “instrução literária pela instrução auricular religiosa”<sup>28</sup>. Promoveu, também, fogueiras com os livros que considerava nefastos à fé. Isso talvez explique o apoio irrestrito dado ao Pe. João. Reza a tradição que este, ao chegar a Boa Vista para uma simples visita, sentiu o apelo da vida política e, ao receber uma carta do bispo ordenando-lhe que voltasse para Santa Luzia (atual Luziânia), onde era vigário, teria dito: “Aqui estou, aqui fico”. Em resposta, o bispo teria retrucado: “Fique, mas suspenso”<sup>29</sup>. Afastado das ordens até 1914 ou 1921, (há controvérsias), sem licença para rezar missa ou distribuir os sacramentos, dedica-se à política, deixando o ministério religioso com os frades dominicanos. Desta forma, a Igreja passou a concentrar os dois poderes: o político e o religioso. E defenderá ambos com unhas e dentes.

Por essa Leão Leda certamente não esperava. Contando com o apoio do governador de Goiás, os Leda e os Moreira conseguem importantes cargos eletivos municipais. Este fato desgosta ao Pe. João, que busca o apoio político na capital do Estado. Em novas eleições, os dois grupos - dos Leda e Moreira e o do padre - entram em acordo, distribuindo cargos de forma equitativa. Mas, menos do que um acordo, na verdade o que houve foi uma trégua, logo rompida. Pe. João orga-

28. *Idem, ibidem.* p. 56.

29. *Idem, ibidem.* p. 3.

niza rapidamente os coronéis sertanejos e os chefes jagunços contra os dirigentes maranhenses, que pedem intervenção do governo e obtêm os reforços solicitados não só do governo federal, mas também de Goiás e do Maranhão. Pe. João, porém, contava com várias vantagens sobre seus inimigos. Uma delas era a distância entre Boa Vista e os centros decisórios, fazendo com que a chegada de reforços demorasse, no mínimo, dois meses. Outra, era o apoio do sertão. Isto lhe permitia, logo de início, organizar três grupos importantes: o seu, o do major João José e o de Pedro Maquinista<sup>30</sup>. Mas, sobretudo, a superioridade do padre advinha mesmo do fato de controlar o sertão, de onde poderia retirar víveres, dinheiro e homens em armas, pelo tempo que lhe fosse necessário.

O cerco da cidade dá vitória a Pe. João. Os chefes derrotados, procurando resistir, se deslocam para o povoado de São Vicente, hoje Araguatins, provocando a fuga dos habitantes do vilarejo. Com o início da luta, a população da cidade de Boa Vista foge. Aproveitando-se disso, os combatentes do Pe. João saqueiam tudo. São as "sebaças" de que nos fala Guimarães Rosa. O mesmo sucede à população de Porto Franco, cidade situada do lado maranhense, à margem esquerda do Tocantins, em frente a Boa Vista. A chegada das forças do governo garantem as duas cidades para os Leda e os Moreira mas, a área rural de ambas fica nas mãos dos grupos fiéis ao padre. Uma reviravolta, motivada pelo desejo do governo federal em pacificar os ânimos, favorece Pe. João que, novamente vitorioso, entra em sua cidade, de onde dominaria os sertões do Tocantins por 50 longos anos.

Leão Leda, derrotado, sem bens, parte para o Maranhão.

**"Mas, ou [o sertão] ajuda, com enorme poder, ou é traiçoeiro, muito desastroso"**

Deve ter sido triste e penosa a partida de Leda que, envelhecido e sem haveres, chega a Porto Franco com os homens que lhe restaram. Dirigindo-se a Grajaú, é escoltado para fora da cidade por soldados da polícia maranhense, mas não chega até o núcleo urbano. Fica em uma fazenda dos arredores. A prova de que o prestígio deste velho coronel sertanejo ainda está vivo é o fato de conseguir reunir um grupo numeroso de homens armados, dispostos a engrossar o seu bando de jagunços.

O sonho do poder continuava vivo em Leão Leda, mas o Maranhão e Goiás já estavam fora de seu alcance. Por isso, vai para Conceição, na margem esquerda do Araguaia, que nesse ano de 1909 ainda vivia da extração e do comércio da borracha e da castanha. Com seus jagunços, por onde passa, "requisita" gado e saqueia fazendas. E é assim imponente, que entra em Conceição. A descrição do

30. João José era, nas palavras de Palacin, o típico coronel do sertão, sem instrução nem sutilezas políticas, sentindo-se inferiorizado diante dos Leda, cultos e refinados. Já, Pedro Maquinista, chefe da polícia de Carolina, era violento e acusado de vários assassinatos.

bando, feita por Amorim, impressiona: “chapéu de couro, alpercatas, cartucheiras e bandoleira e armados de rifles e grandes punhais percorrem as ruas chefiados por Leda e seu filho”<sup>31</sup>.

Esta cena descrita por Amorim se aproxima de outra em que Guimarães Rosa mostra a entrada de Bem-Bem num pequeno arraial: “O bando desfilou em formação espaçada, o chefe no meio. E o chefe [...] de olhar e tosse rosada [...] era o homem mais afamado dos sertões do rio: [...] Seu Joãozinho Bem-Bem”<sup>32</sup>.

Também com Riobaldo, e estabelecendo um paralelo com a entrada de Leda em Conceição, acompanhamos a expectativa que a chegada de Zé Bebelo cria no bando de Medeiros Vaz, agora desorientado com a morte do chefe. Lembrar, retomando aqui a figura por certo imponente do “coronel” Leão Leda, cuja presença infundia coragem aos componentes do seu grupo armado, reforça o personagem roseano e corrobora para a compreensão da ansiedade e do alívio que, respectivamente, a espera e a chegada de Zé Bebelo trazem. No texto, podemos acompanhar esses sentimentos.

O ar apavorado do vaqueirinho, a impossibilidade de contar o acontecido, devido ao medo e à corrida que o fazem perder o fôlego, leva a um relato truncado pelas reticências, pela inclusão do destino de sua caminhada e pela repetição de fatos. Apenas aos poucos é que o leitor, também impaciente, compreende o ocorrido e vai delineando, através de fragmentos, o perfil do personagem descrito: “terrível”, “mais baixo que alto”, “não é velho nem moço”, “Deputado”, “branco”, procedente de Goiás. O que mais impressiona a esse menino-informante é a frase que por três vezes espaçadas interrompe, propositadamente, a narrativa: “Desceu o Rio Paracatú numa balsa de burití...” Isso colabora para exacerbar a curiosidade do leitor, levado a reler informação já conhecida e que para ele, leitor, se nada acrescenta ao episódio, acaba por deixá-lo ainda mais interessado no relato. A descoberta, por parte dos jagunços, de que o recém-vindo é Zé Bebelo, se dá após um diálogo truncado e extenso que ocupa sete parágrafos. Para o leitor ansioso, essa informação, que explora a técnica do retardamento, é descrita após um trecho de quinze linhas. Só a partir daí é que se sabe quem chega, quando chega e como chega. A importância do personagem vem então realçada pelo aspecto visual que os sinais de pontuação emprestam à frase que anuncia sua vinda (duas vezes os dois pontos, duas vezes a vírgula, e uma vez a barra), pela ênfase que essa mesma pontuação cria através de pausas maiores ou menores, pela certeza da percepção do ouvinte e, finalmente, pela repetição de palavras: “Mas: aquele homem, para que o senhor saiba, - aquele homem: era Zé Bebelo”<sup>33</sup>. A ansiedade é reiterada na noite de insônia vivida pelo bando, e o alívio vem marcado pelo amanhecer e pela claridade do sol, que aparece após dias de chuva: “De manhã, com uma braça de sol, ele chegou.”<sup>34</sup>

31. AMORIM, citado por PALANCIN, L. *Op. cit.* p. 19.

32. ROSA, João Guimarães, *Sagarana*. Ed. cit., p. 345.

33. ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Ed. cit., p. 70.

34. *Idem, ibidem*. p. 70.

O prestígio e a coragem de Bebelo - lembrando Leão Leda - se reafirmam na apresentação dos cinco únicos urucuianos que compõem os seus "exércitos".

Joca Ramiro é outro personagem que pode igualmente se amalgamar àquela realidade, forjada nos "sertões da Pré-Amazônia maranhense", de Leão Leda. À sua chegada, para uma visita ao bando, um frenesi percorre não apenas Riobaldo, mas igualmente todo o grupo. Através do narrador sabemos do "alvoroço na cavallhada geral"; "o mundo de homens anunciando"; "o vasto chegando". Expressões que oferecem grandeza ao personagem e ao mesmo tempo transmitem magnificência à cena. O cortejo da tropa, que vem num "abre-vento", batendo com a "ferragem de cascos no pedregulho", chegava perto de duzentos homens. Joca Ramiro, de "largos ombros", andar "alteado e imponente", faz Riobaldo sentir-se diminuto em relação às perspectivas do cavaleiro e da montaria: "Era ele, num cavalo branco - cavalo que me olha de todos os altos"<sup>35</sup>.

A imagem idealizada de Joca Ramiro - feita aqui pelo narrador - deixa entrever somente alguns pormenores do seu tipo físico - "cara grande, corada", "cabelos pretos, anelados". Já de Zé Bebelo - além dos detalhes reunidos acima - conhecemos mais minúcias. Dizendo dele, Riobaldo informa: "era nervoso, magro, um pouco mais para baixo do que o tamanho mediano, de cabelo bom"<sup>36</sup>. Forma sutil de Rosa nos dizer que não era negro. Como Leão Leda. Segundo Abranches, Leda era ruivo, de olhos claros. Possuía maneiras acolhedoras e, com seu riso franco, irradiava irresistível simpatia<sup>37</sup>. Aliar essa imagem de Leão Leda à de Joca Ramiro, nos ajuda a compreender melhor o "coronel" do sertão que infundia bravura e incitava coragem aos seus comandados.

Instalado com o filho e seus homens em um sobrado na cidade, Leão Leda superestimou sua força. Comendo e bebendo com a jagunçada, sempre sem pagar, acaba por revoltar a população local, e cometer um engano irreparável. Com a finalidade de obter a quantia em dinheiro, julgada necessária para recomeçar sua vida, apreende um carregamento de borracha que aguardava embarque para Belém.

Diz Maranhão, que os padres foram os primeiros a protestar contra as arbitrariedades, pois entendiam que o poder deles estava ameaçado. Assim, no dia 7 de março de 1909, após a reza, o povo saindo da igreja em procissão - como num ritual de sacrifícios - antes de retornar ao templo, passa diante do sobrado de Leda. Nessa hora, os mais de cem homens que cercam a moradia iniciam o tiroteio.

Somente após dois dias de cerco, sem água e comida, com a munição escasseando e tendo no sobrado pelo menos um jagunço morto e já em decomposição, Leão Leda levanta pano branco pedindo trégua. Pede também a mediação do frade Domingos Carrerot. Mas o padre recusa seu pedido. Justificando-se mais tarde, dirá que não queria ver Leda e o filho serem mortos diante dele. O fato é que os abandonou à própria sorte.

35. *Idem, ibidem*. p. 189.

36. *Idem, ibidem*. p. 99.

37. ABRANCHES, Danshee, *Op. cit.*, p. 32.

Testemunhas oculares apresentam versões distintas entre si. Umas afirmam que Leda e o filho, de joelhos e pedindo clemência, foram fuzilados dentro da casa, tomada de assalto. Outras asseguram que ambos tiveram seus corpos arrastados para a rua e, de joelhos, foram executados. Os jagunços de Leda, presos e amarrados ao tronco, velho instrumento de suplício ainda em uso naquelas áreas, foram castigados. Apenas um condenado a morte. Arrastado, com os pés presos numa corda, gritava para que o poupassem. Tendo sido obrigado a cavar sua própria sepultura, depois de torturado, foi morto. Diferente foi o tratamento dispensado a Zé Bebelo. A ele foi concedido o direito de julgamento digno, do qual sairá absolvido.

Como Leão Leda, Bem-Bem era "de fora", conforme acentua Joca Ramiro: "O senhor não é do sertão. Não é da terra..."<sup>38</sup> Ou Hermógenes: "Dele é este Norte? Veio a pago do governo."<sup>39</sup> Sobre Leda, nos diz Audrin: "Este ambicioso, desbaratado nas beiras do Tocantins, imaginou tentar estabelecer seu predomínio nas margens do Araguaia."<sup>40</sup>

Do sonho de Leão Leda nada ficou. O norte de Goiás não seria anexado ao Maranhão, mas, transformado no estado do Tocantins. Da sua velha casa da fazenda, que havia resistido em Grajaú, ficaram apenas partes dos alicerces, como também a crença de que sua alma ainda vaga por entre aquelas ruínas, pedindo que seus restos para lá sejam conduzidos e lá mesmo sepultados.

Nem o nome de Leda é lembrado corretamente. Aldenora Alves Correia, grafando em maiúsculas, diz no final de um capítulo de livro laudatório ao Pe. João: "Assim terminou a odisséia do revolucionário LEÃO TOLSTOI DE ARRUDA LEDA"<sup>41</sup>.

Cícero Mendes, historiador local e homem simples, registrando a história oral do sul maranhense, ao contar a epopéia de Leda, chama-o de Leão Moureira. Terminando a narrativa, inclui versos por ele compostos:

"Quem leu a estória toda viu  
a mais triste narração;  
uma família amilhorada  
morrer nestas condissãos,  
comendo os gados aleios  
na mais triste situação  
[...] tudo foi a realidade  
a família como esta  
de grandes propiedades,

38. ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Ed. cit., p. 199.

39. *Idem, ibidem*. p. 201.

40. PALACIN, Luís G. *Op. cit.*, p. 147.

41. CORREA, Aldenora Alves. *Boa Vista do Padre João*. Goiânia, s.n.t. [1978?]. p. 7.

nos últimos dias da vida  
com tanta calamidade"<sup>42</sup>.

Em *Grande sertão: veredas*, é Riobaldo quem expõe os acontecimentos. Contador hábil, cujo relato nos predispõe a somar ficção e realidade, usa de muitos recursos para enredar e prender a atenção do ouvinte-leitor. Um desses recursos é o registro de prenúncios com os quais, ao mesmo tempo em que aguça nossa curiosidade, nos prepara para receber acontecimentos plausíveis ou não. "E aquele inferno estava próximo de mim, vinha por sobre mim. Em escuro, vi, sonhei coisas muito duras"<sup>43</sup>. Acontecimentos que, a partir daí, por já ter, de antemão, estabelecido conosco certa cumplicidade, serão por nós, bem recebidos.

É assim que Riobaldo, de um único fôlego, ao fazer o relato de sua existência, entre outras coisas, vai se dando a conhecer. Simultaneamente, nesse ato de revivê-la, buscará, mesmo nos momentos mais incompreensíveis, maneiras para melhor compreendê-la: "Conto ao senhor é o que eu sei e o senhor não sabe; mas principal quero contar é o que eu não sei se sei, e que pode ser que o senhor saiba"<sup>44</sup>.

É nessa mesma via de mão dupla - como a que se estabelece entre Riobaldo e o seu interlocutor - rica de descobertas e de interpretações, onde o conhecimento de ambos, somado, poderá resultar em saber maior e mais apurado. É nessa mesma via dupla, que também se coloca o pesquisador, tanto o da realidade quanto o da ficção.

42. MENDES, Cicero. *Memórias sertanejas* (manuscrito).

43. ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Ed. cit., p. 139.

44. *Idem*, *ibidem*. p. 175.

"Mas meu signo era claramente o da luta" — <sup>(vem)</sup> ~~que~~ des-  
 cobre. ~~\_\_\_\_\_~~ Decerto.  
 Seu ~~\_\_\_\_\_~~ <sup>(signo)</sup> era o do Escorpião, sob cujo influxo hoje transpiramos,  
 campo-de-fôrça regido por Marte. Scorpio reparte a seus filhos,  
<sup>(com)</sup> ~~\_\_\_\_\_~~ <sup>(extra)</sup> senso ~~\_\_\_\_\_~~ dos deveres e fôrça-de-vontade tremenda, a pug-  
 nacidade decidida, intrepidez, ~~\_\_\_\_\_~~ <sup>(rusga)</sup> gôsto da ~~\_\_\_\_\_~~ e da guerra. Fa-  
 zem <sup>(inimigos, aos punhados)</sup> São políticos perigosos. O sujeito  
 do Escorpião <sup>(desfaz no)</sup> ~~\_\_\_\_\_~~ risco, não alui por temor <sup>(nenhum)</sup> ~~\_\_\_\_\_~~ defen-  
 de-se atacando, nutre-se de <sup>(conslitos)</sup> ~~\_\_\_\_\_~~ d'êle extrai renovada sustância  
 ao contrário de despender energia nervosa, resiste até à morte.  
 João Neves, a gente ~~\_\_\_\_\_~~ <sup>(-o)</sup> encontrava <sup>(amofinado)</sup> ~~\_\_\_\_\_~~ pessimis-  
 ta, e já se sabe : embaraçava-o a apatia dos entreatos pacifi-  
 cos, atolava-se na tranqüilidade. <sup>(É)</sup> Não via o sol nos belos bre-  
 jos, horizontais. Depois, a gente voltava, <sup>(e)</sup> ~~\_\_\_\_\_~~ <sup>(ora)</sup> o homem sem  
 achaquilhos e o acessório, são, ~~\_\_\_\_\_~~ <sup>(esportivamente)</sup> alegre, ~~\_\_\_\_\_~~  
 suas fôrças <sup>(todas)</sup> enfeixadas. Pois então, é que ~~\_\_\_\_\_~~ <sup>(de novo)</sup> ~~\_\_\_\_\_~~ <sup>(potências)</sup> em briga <sup>(era)</sup>  
<sup>(o realizou-se)</sup> ~~\_\_\_\_\_~~ e renitir ~~\_\_\_\_\_~~ <sup>(Disso)</sup> ~~\_\_\_\_\_~~ <sup>(doixa)</sup> conhecimento ~~\_\_\_\_\_~~

"o sabor agradável dos embates", "a presa da peleja",

~~\_\_\_\_\_~~ <sup>(Define-se?)</sup> ~~\_\_\_\_\_~~ <sup>(Por uma longa experien-</sup>

cia, satou convencido de que a consciência do perigo e a certeza de vencê-lo influem uma grande paz nos espíritos atribulados."

Daf <sup>(mais)</sup> ~~\_\_\_\_\_~~ sua ~~\_\_\_\_\_~~ filosofia, ou, melhor, weltanschauung, ~~\_\_\_\_\_~~ <sup>(resoluta)</sup> ~~\_\_\_\_\_~~ <sup>(que era já a de João de Uze)</sup> ~~\_\_\_\_\_~~ <sup>(cosmovisão)</sup> ~~\_\_\_\_\_~~ "Toda segurança é aparente, todo bem-estar